

Alcides | pinturas

curadoria Paulo Sergio Duarte



Alcides | pinturas

curadoria | Paulo Sergio Duarte

abertura 12 de novembro 19h

exposição 12 de novembro a 20 de dezembro



Alcides

Vilma Eid

Conheci Alcides no início dos anos 90. Fazia pouco tempo que ele chegara a São Paulo, vindo de Mato Grosso, onde morava desde 1950. Nasceu na Bahia, e essas várias mudanças de paisagem foram influenciando o seu trabalho.

Em São Paulo, veio para morar com uma filha, em uma favela da Zona Leste. Essa nova moradia sempre chamou a minha atenção porque eu ficava imaginando a grande transformação que se operava na vida e na cabeça dele. De uma vida em um lugar onde a natureza é abundante, ele passou a conviver com o trânsito e a poluição da nossa cidade.

Alcides era um homem muito humilde, com uma grande fé e uma bondade quase incomum nos tempos atuais.

No primeiro ano dele em São Paulo, senti que sua obra estranhava esse novo habitat e procurava um caminho que ele mesmo pudesse reconhecer. Eu ia quase todos os meses à sua casa para vê-lo trabalhar e adquiria suas pinturas, que ainda sentia estarem em nova fase de busca. Mas queria incentivá-lo a continuar porque tudo que eu via mostrava o grande pintor que ele era.

Um dia ele veio ao meu encontro trazendo uma tela que representava um avião. Fiquei muito surpresa, já que aquilo era uma novidade na sua obra. O avião era maravi-

lhoso! A composição, as cores, o geometrismo, tudo muito bem resolvido. A partir desse momento ele deu início a uma grande série de meios de transporte. Eram caminhões, motos, aviões, trens. Deixou para trás as paisagens mato-grossenses, maravilhosas, e reencontrou o caminho que, me parecia, ele intuitivamente procurava.

Eu comprava todos os seus trabalhos, e aos poucos consegui introduzi-lo no difícil circuito cultural paulistano. Sua pintura esteve presente na *Mostra do Redescobrimento, 500 anos*, na Fundação Bienal de São Paulo, no módulo de arte popular. Alcides passou a ser conhecido e sua obra, admirada.

Em 2007, com a Galeria Estação já em funcionamento, achei que era a hora de fazer a sua primeira exposição individual. Ele compareceu e ficou muito feliz por conhecer pessoas que admiravam o seu trabalho. Recebeu o reconhecimento da imprensa através de uma bela matéria no Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo*, assinada pela jornalista Camila Molina. Mas já estava debilitado, e três dias depois faleceu. Foi uma grande tristeza!

Alcides não viveu para ver a continuação do reconhecimento do seu talento. Em 2010, Paulo Sergio Duarte, que hoje é o curador desta mostra individual, já apreciador da sua obra, colocou-o lado a lado com um trabalho do Nuno Ramos na exposição *Arte Brasileira: além do sistema*. Em 2012, suas pinturas participaram da exposição *Histoire de voir* na Fundação Cartier, e hoje fazem parte do acervo da instituição. Ainda em 2012, Alcides participou de outra exposição coletiva, em Nova York, na Andrew Edlin Gallery. Há obras suas no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, no Museu Afro Brasil, no Pavilhão das Culturas Brasileiras e no MAM do Rio de Janeiro, coleção Gilberto Chateaubriand.

Por tudo isso, esta exposição tem um sentido especial para nós. É um tributo a Alcides Pereira dos Santos, nascido na Bahia em 1932 e morto em São Paulo em 2007.

Saudade!

Vilma Eid



Potez, 1994
Acrílico sobre tela
100 x 155 cm



Viagem e turismo Honda, 1999

Acrílico sobre tela

68 x 150 cm

A imagem ocupa sempre, quase até as bordas, a superfície pintada. Plana, suportada por uma sofisticada geometria que afasta qualquer aspecto naïf do trabalho. Alcides intuitivamente incorporou a verdade planar da pintura moderna, que atravessa boa parte da sua obra até as últimas telas. Como trabalha com máquinas imaginárias inspiradas em veículos de transporte, no caso das obras escolhidas para esta exposição, a obra solicita a dualidade figura/fundo. Eventualmente surge uma sugestão de volume, mas esta está quase sempre achatada, colada à superfície. Uma espécie de lei da frontalidade, aquela tão presente nas figuras pintadas do Egito Antigo, é aplicada, mas aqui as figuras se aproximam mais dos perfis de modernos desenhos técnicos. Essa estrutura será ativada por uma paleta variada.

Observem qualquer das telas aqui presentes. Uma das motocicletas, por exemplo, *Viagem e turismo Honda*, 1999. A máquina inventada se impõe, de cima a baixo, de um bordo lateral ao outro, ocupa a tela utilizando relativamente poucas cores – amarelo alaranjado, preto, castanho, vermelho e um rosa no para-lama traseiro. Retas e curvas bem traçadas desenharam a fisionomia da máquina colorida, mas surge, no fundo, outro

acontecimento plástico, de caráter inteiramente distinto da comemoração da tecnologia de transporte. Uma pequena festa florida de tons de azul e branco. Acontecimento semelhante se repete no caminhão *Fessi*, 1996. Um rigoroso traçado de linhas retas e curvas descreve a máquina sem qualquer excesso em detalhes. Trata-se de um caminhão com um guindaste autoportante que traça um triângulo de modo a realizar a completa ocupação da superfície. O engenho mecânico, de novo, alcança todos os bordos, colocado sobre uma base na qual poderíamos adivinhar a projeção de outro veículo visto de cima, mas isto já é uma especulação muito imaginativa. Como sempre, a invenção de Alcides contraria nossa experiência cotidiana. O retângulo que corresponde ao chassi é amarelo vivo, interrompido apenas pelos três eixos da máquina. A cabine é objeto de um exercício gráfico geométrico. O fundo azul-claro aparece como um céu com muitas pequenas nuvens que de novo contrasta em sua liberdade expressiva com o rigor do desenho e o colorido do objeto tecnológico.

Para não recuarmos a Leonardo da Vinci e sua formidável engenharia imaginária no esforço de antecipar possíveis realizações tecnológicas da humanidade, basta recuarmos ao século XIX e lembrarmos a arquitetura dos engenheiros que antes dos arquitetos exploram o potencial plástico do aço criando formidáveis estruturas, como o *Palácio de Cristal*, 1851, em Londres, de Joseph Paxton, passarmos por diversas proezas e culminarmos com a gratuidade comemorativa da *Torre Eiffel*, 1887-89. Arte e técnica estiveram juntas em diversas aventuras e, ainda na segunda década do século XX, os futuristas italianos iriam, deslumbrados, realizar em obras de arte seu elogio, sobretudo na velocidade propiciada pelos motores, e a dissecação do movimento humano e animal permitida pelos novos estudos fotográficos de um Marey ou de um Muybridge. O centro de interesse plástico dos futuristas era a velocidade ou as descobertas do movimento animal propiciadas pelas imagens em sequência da máquina fotográfica.

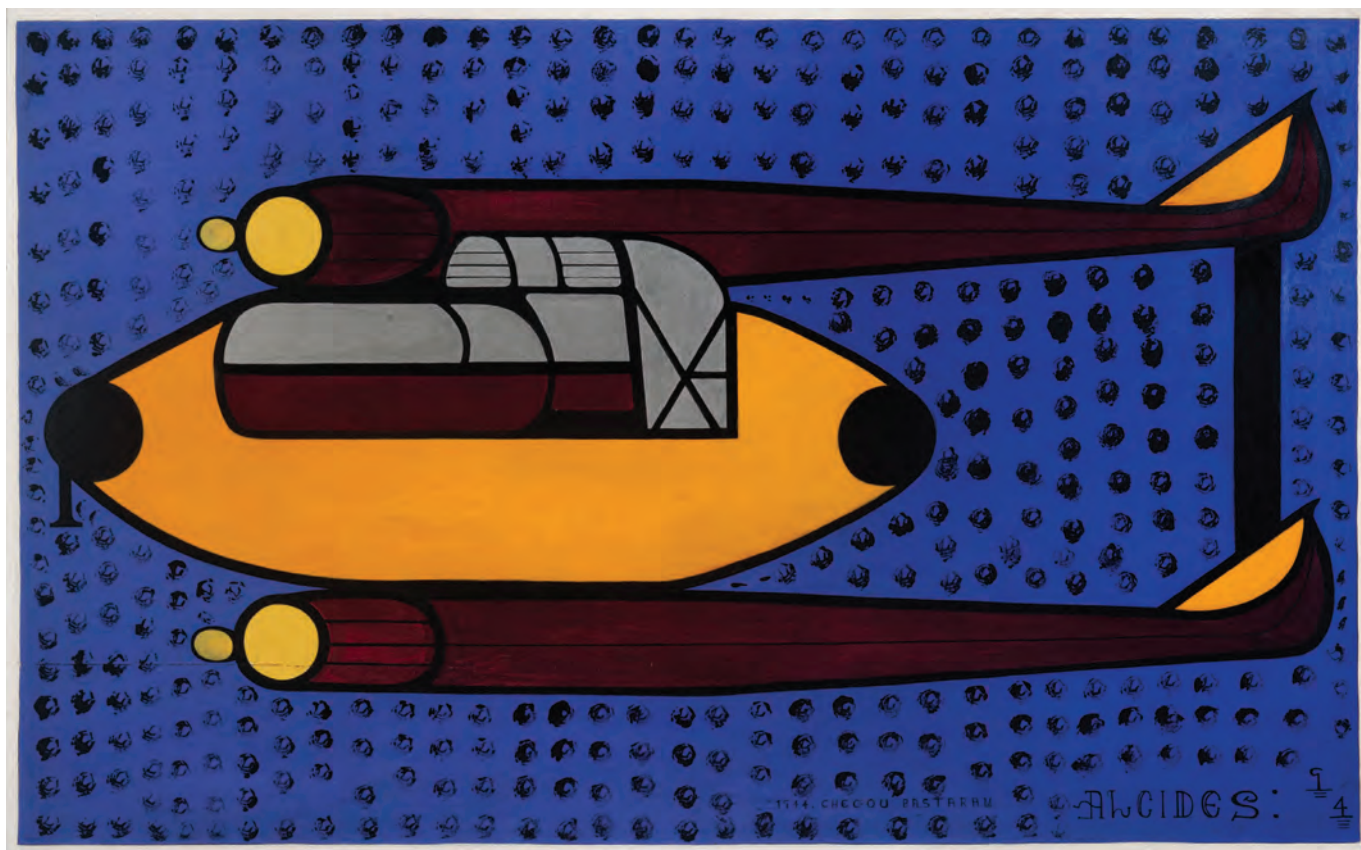


Fassi, 1996
Acrílico sobre tela
88 x 150 cm

Alcides imagina suas máquinas como modelos técnicos absolutamente estáticos, como se estivessem prontos para saltar da tela e se tornarem uma realidade no mundo. São absolutamente soberanos, por isso ocupam todo o espaço da tela, dando um aspecto secundário ao ambiente que os recebe. Talvez por isso mesmo, este ambiente ou fundo recebe um tratamento pictórico contrastante. Essa monumentalidade que adquirem as máquinas de Alcides é inédita, e não encontramos ocorrências semelhantes seja na arte popular, seja na erudita.

Em 2007, a Galeria Estação, com o apoio do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro, sob a liderança de Vilma Eid, realizou uma exposição de pinturas de Alcides e editou um pequeno catálogo com textos de Lélia Coelho Frota e Roberto Rugiero. O artista viria a falecer dias depois de inaugurada a exposição. Foi ali, nesse documento impresso, que entrei em contato pela primeira vez com a pintura do artista e que me chamou muito a atenção. Três anos depois, visitando o rico acervo da Galeria Estação, em São Paulo, pude entrar em contato direto com a obra. A força virtual que existia nas reproduções gráficas das imagens do catálogo crescia, e muito, numa rara potência, nesse encontro com sua materialidade real. Agora tenho a oportunidade de, junto com a perseverante e atenta Vilma Eid e com a artista Germana Monte-Mór, participar como curador desta mostra de Alcides. Levando em conta o generoso espaço da Galeria Estação e a escala das telas, selecionei apenas veículos a motor para esta exposição. Sei que a pintura de Alcides é bem mais variada e o acervo de Vilma Eid inclui, entre outras, as pinturas arquitetônicas nas quais se evidencia ainda mais a estrutura geométrica que sustenta a obra do artista.

Espero que a mostra evidencie a poética de um artista de origem rural que soube encontrar uma empatia única com os personagens mecânicos que iria encontrar nas cidades.



1944 *Chegou bastaram*, 1994
 Acrílico sobre tela
 99 x 153 cm





Uma lancha cabina, 1995
Acrílico sobre tela
73 x 216 cm



A vela de oceano paulista, 1996

Acrílico sobre tela

89 x 150 cm



Barco ângulo velocidade controle, 1996
Acrílico sobre tela
88 x 150 cm



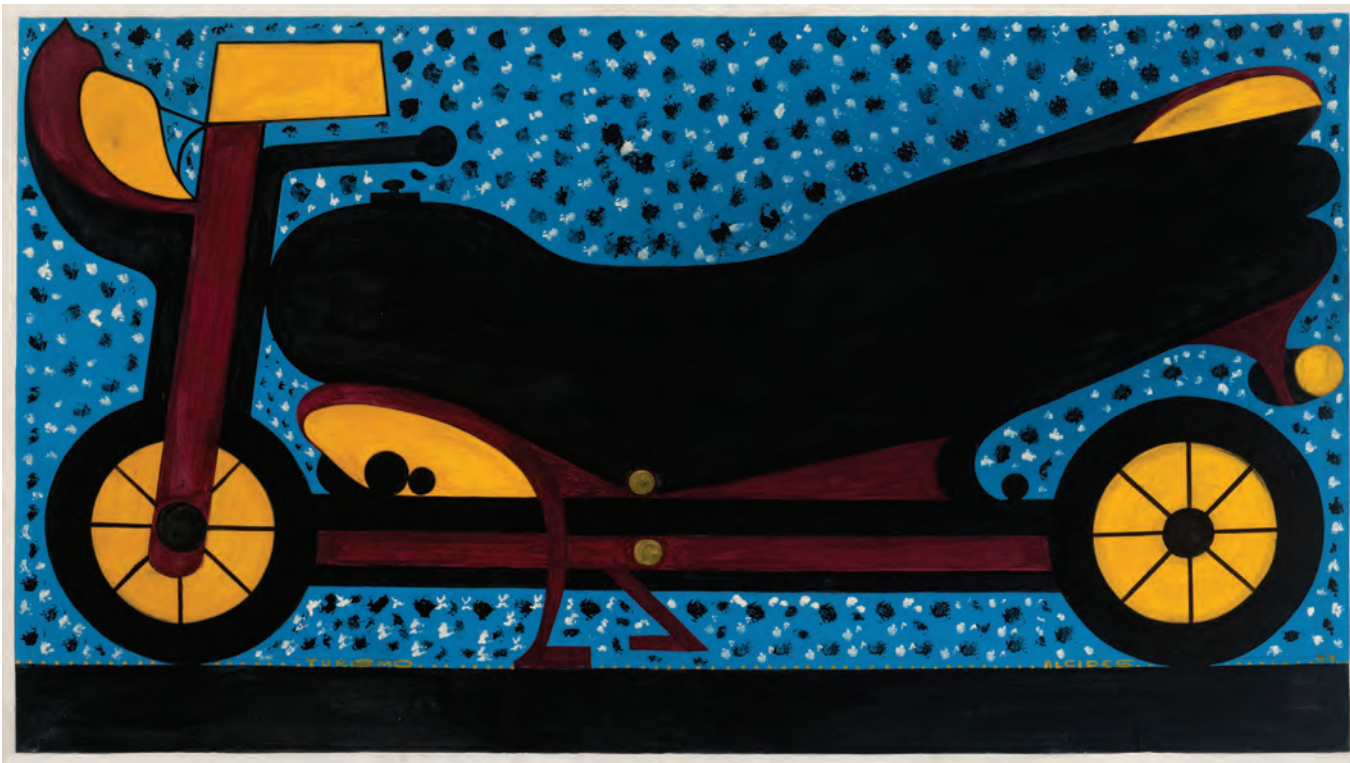
Turismo, 1999
Acrílico sobre tela
87 x 153 cm



Turismo, 1999
Acrílico sobre tela
88 x 155 cm



Turismo, 1999
Acrílico sobre tela
88 x 154 cm



Turismo, 1999
Acrílico sobre tela
87 x 155 cm



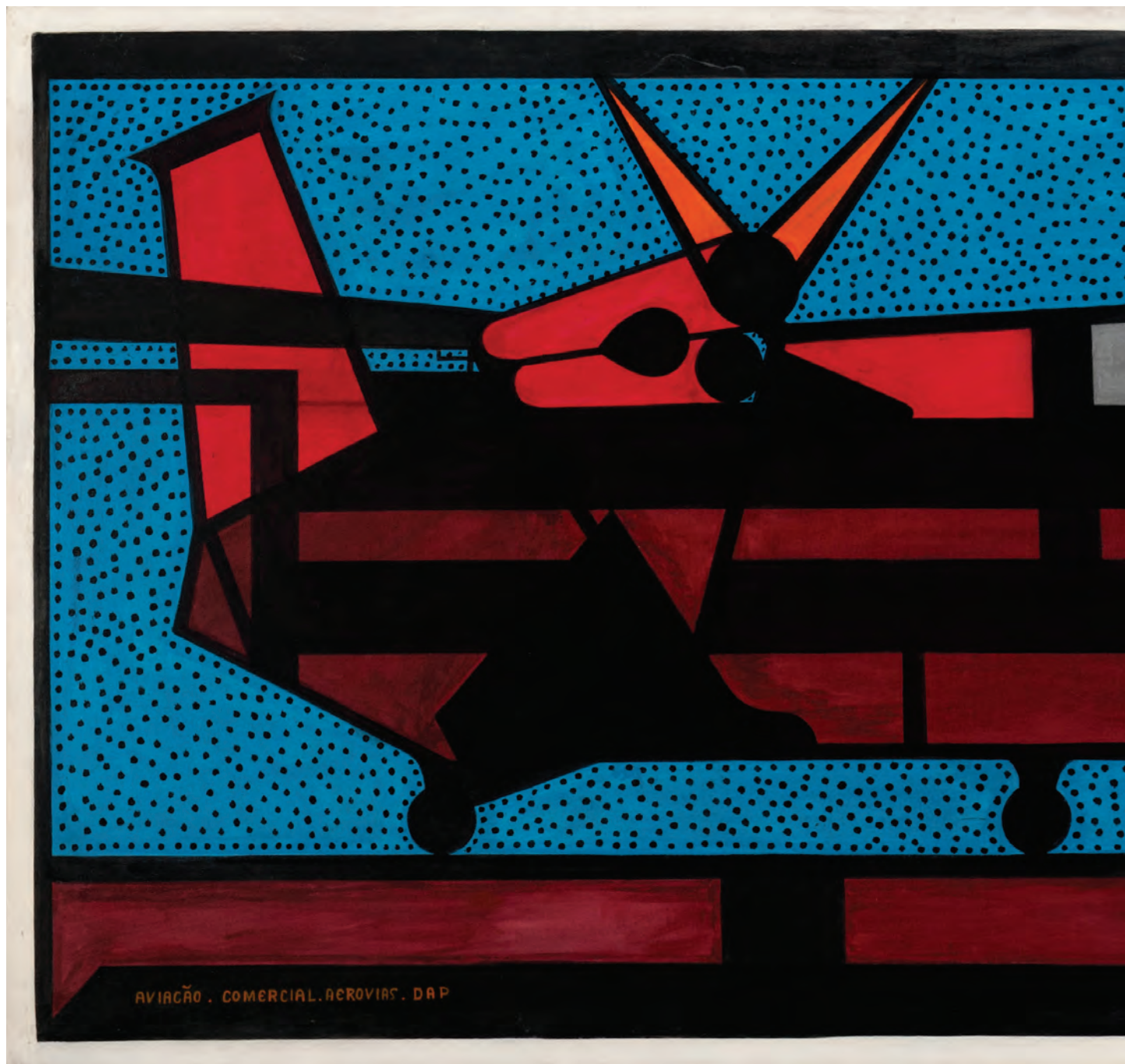


Verrbrugge, 1996
Acrílico sobre tela
89 x 149 cm





Avião de vigilância marítima, 1997
Acrílico sobre tela
86 x 148 cm



AVIAÇÃO . COMERCIAL . AEROVÍAS . DAP



Avião comercial, 1998
Acrílico sobre tela
86 x 155 cm



STEMME: SIO



Stemme: S10, 1998
Acrílico sobre tela
87 x 154 cm





Força aérea chinesa, 1998
Acrílico sobre tela
86 x 150 cm





O grande objetivo da Rio Sul, 1998
Óleo sobre tela
87 x 153 cm



Ultraleves, 1998
Acrílico sobre tela
87 x 153 cm

I met Alcides in the early 1990s. He had just arrived in São Paulo, coming from Mato Grosso where he had been living since 1950. He was born in Bahia, and this succession of changes of landscape had an influence on his work.

In São Paulo, he came to live with a daughter in an East Zone shantytown. This new dwelling caught my attention because I imagined the significant changes occurring in his life and also in his mind. After living in a place where nature is abundant, he started to live with the crawling traffic and the terrible pollution of our city.

Alcides was a very humble man, with a lot of faith and a good personality, something rare to come by these days.

In his first year in São Paulo, I felt that his work found this new habitat very strange, and that he was looking for a habitat where he could recognise himself. I would go to his home nearly every month, to watch him work and also to acquire his paintings, and I felt that he was still in the search phase. However, I wanted to encourage him to press on, as everything I saw showed me what a great painter he was.

One day he came to meet me, bringing a painting depicting an aeroplane. I was very much surprised, as this was a new element in his work. The aeroplane was wonderful! Everything was marvellous: the composition, the colours, the geometrism – everything was very well dealt with. This heralded the start, among Alcides' works, of a long series of paintings about means of transport: lorries, motorcycles, aeroplanes and trains. So he left behind the beautiful Mato Grosso landscapes, and once again found the path that, I felt, he had been seeking intuitively.

I would buy all his works, and slowly I managed to introduce him to the difficulties of the São Paulo cultural circuit. His paintings were present at the *Rediscovery exhibition, 500 years*, at the Biennial Foundation of São Paulo, in the popular art section. Alcides started to be better known, and his work started to be admired.

In 2007, with the Estação Art Gallery already operational, I felt it was time to have his first individual exhibition. He came over, and was very happy to meet people who admired his work. He received the acclaim of the Press, by means of an excellent article in the *Caderno*

2 section in São Paulo's leading newspaper, the *O Estado de S. Paulo*, signed by journalist Camila Molina. However, he was already extremely frail, and only three days later he passed away! It was very sad indeed!

Alcides did not live to see the continuation of the acclaim about his talent. In 2010, Paulo Sergio Duarte, who is now the curator of this individual exhibition, and who was then already an admirer of his work, put him beside a work by Nuno Ramos in the exhibition known as *Arte brasileira: além do sistema*. [Brazilian Art: Beyond the system]. In 2012, his paintings participated in the exhibition *Histoire de voir* at the Cartier Foundation, and are now part of the institution's collection. Later in 2012, Alcides' works participated in another group exhibition, this time in New York, at the Andrew Edlin Gallery. There are also works by Alcides in the collection of the Pinacothèque of the State of São Paulo, in the Afro Brazil museum and in the Brazilian Cultures Pavilion, as well as in the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro (MAM-RJ), in the Gilberto Chateaubriand collection.

For all this, this exhibition has a special meaning to us. This is a final and fitting tribute to Alcides Pereira dos Santos, who was born in Bahia in 1932 and died in São Paulo in 2007.

Missing you!

The picture always takes up the painted surface, almost right out to the edges. Flat, supported by a sophisticated geometry that rules out any naïve aspect of the work. Alcides intuitively incorporated the planar truth of modern painting which is present in much of his work, through to the last pictures. As he works with imaginary machines inspired by means of transport, in the case of the works chosen for this exhibition, the work requests a duality between picture and background. In the end a suggestion of volume appears, but this is nearly always flattened, attached to the surface. A kind of frontalness law, as so significantly present in the painted figures of Ancient Egypt, is applied, but these are closer to the profiles of modern technical drawings. This structure shall be activated by a varied palette.

Observe any of the pictures here present – one depicting motor-cycles, such as *Turismo* of 1999. The invented machine imposes itself, from top to bottom and from one side to the other, occupying the whole painting area using relatively few colours – orangey yellow, black, brown, red and a bit of pink on the rear mudguard. Straight lines and well-crafted curves draw the physiognomy of the coloured machine but, in the meantime, another event, entirely diverse from the commemoration of transport technology, appears in the rear. This is a small flowery festival in blue and white: a similar event repeats itself in the work *Fessi*, of 1996. Strict contours of straight lines and curves describe the machine without any excess details. This is a lorry with a self-carrying crane which draws a triangle so as to completely occupy the surface. The mechanical gadget once again reaches out to all edges, placed on a base on which we could guess the projection of another vehicle as seen from above, but this is already a highly imaginative speculation. As always, Alcides' invention goes against our common experience. The rectangle which corresponds to the bodywork is in vivid yellow, only interrupted by the three axles of the machine. The cabin is the object of a geometric graphical exercise. The blue background appears like a sky with many small clouds, once again contrast-

ing, in its freedom of expression, with the strictness of the drawings and the colour of the technological object.

In order not to return to Leonardo da Vinci and his formidable imaginary engineering in an attempt to anticipate possible technological achievements of humanity, we just need to return to the 19th Century and remember the architecture of the engineers who, before the architects themselves, had exploited the plastic potential of steel, creating formidable structures such as the Crystal Palace (1851) in London, by Joseph Paxton, we have passed through several major feats culminating with the commemorative gratuity of the Eiffel Tower (1887-1889). Art and technique have been together on several adventures and, in the second decade of the 20th Century, the Italian Futurists would, awe-struck, present their praise in artwork, especially through the speed provided by motors, and the dissection of human and animal movement, allowed by the new photographic studies of Marey or Muybridge. The centre of plastic interest of the futurists lay in speed or in the discovery of animal movement, provided by the sequential images obtained from a camera. Alcides sees his machines as completely static technical models, as if they were ready to leap out of the screen and become a form of reality in the world. They are completely sovereign and thus take up the whole space of the painting, thereby restricting the receiving environment to a secondary role. Maybe for this very reason, this environment or background is given a contrasting pictorial treatment. This monumentality that Alcides' machines acquire is unprecedented, and we have not found any similar occurrences, even in popular or erudite art.

In 2007, the Estação Art Gallery, with the support from the Institute of the Imagination of the Brazilian People (*Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro – IIPB*), under the leadership of Vilma Eid, presented an exhibition of Alcides' works and also issued a small catalogue with texts by Lélia Coelho Frota and Roberto Rugiero. The artist would pass away only days after the exhibition was opened. It

was there, in the printed document, that I first came into contact with the paintings by this artist, which really caught my attention. Three years later, visiting the rich collection of the Estação Art Gallery, in São Paulo, I was able to have direct contact with the work. The virtual force which was present in the graphic reproduction of the pictures in the catalogue grew, and very much so, in rare power, in this meeting with his real materiality. Now I have the opportunity, together with the perseverant and attentive Vilma Eid, and artist Germana Monte-Mór, to participate as curator of this exhibition of Alcides' works. Taking into account the generous space of the Estação Art Gallery and also the scale of the works, I have only selected pictures of motor vehicles for this exhibition. I am well aware that Alcides' paintings are much more varied, and that the collection held by Vilma Eid also includes, among others, the architectural paintings which show, even more clearly, the geometric structures that sustain the artist's works.

I hope this exhibition shows the poetics of an artist from a rural background who knew how to establish a unique empathy with the mechanical characters that he would find in the cities.

Alcides | pinturas 2013

Galeria Estação

Diretores

Vilma Eid

Roberto Eid Philipp

Curadoria

Paulo Sergio Duarte

Textos

Paulo Sergio Duarte

Vilma Eid

Produção e desenho gráfico

Germana Monte-Mór

Secretaria de produção

Giselli Mendonça Gumiero

Fotos

João Liberato

Versão de textos para o inglês

Paul Willian Dixon

Revisão de texto

Otacílio Nunes

Montagem

Casa 10 fix

Assessoria de Imprensa

Pool de comunicação

Impressão e acabamento

Lis Gráfica

GALERIA  ESTAÇÃO

rua Ferreira de Araujo 625 Pinheiros SP 05428001
fone 11 3813 7253 www.galeriaestacao.com.br

